

AS ARTES CIRCENSES COMO POSSIBILIDADE DE INCLUSÃO DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA: REVISÃO INTEGRATIVA

Las artes circenses como una posibilidad de inclusión de las personas con discapacidad: revisión integradora

Felipe Braccialiⁱ

Lígia Maria Presumido Braccialiⁱⁱ

Resumo: O estudo que originou este artigo teve como objetivo realizar uma análise sobre o conhecimento atual de programas de circo para pessoas com deficiência, bem como identificar as atividades mais utilizadas, os objetivos e os benefícios proporcionados. Foi realizada uma revisão integrativa nas bases de dados ERIC, Proquest, SCIELO, Science direct, Pubmed, no Banco de Teses e Dissertações da CAPES, no Banco de Periódicos Capes, na Biblioteca Digital de Dissertações e Teses e no Google acadêmico. Foram selecionados 14 estudos sobre a temática. Após sua leitura na íntegra por dois pesquisadores, os dados extraídos foram sistematizados em tabelas com as seguintes informações: autor, ano de publicação, país do estudo, tipo de produção, fonte da publicação, título, objetivo, participantes, delineamento, local da intervenção, intervenção e resultados. A análise dessas informações possibilitou a categorização dos dados: 1) tipo de estudo; 2) objetivos dos estudos; 3) programa desenvolvidos; 4) resultados alcançados. As artes circenses podem ser consideradas uma área importante para a inclusão de pessoas com deficiência, considerando a multiplicidade de possibilidades de adaptação.

Palavras-chave: Pessoa com deficiência; Educação Especial; Circo.

Resumen: Este estudio tuvo como objetivo realizar un análisis sobre el conocimiento actual de los programas de circo para personas con discapacidad, así como identificar las actividades más utilizadas, los objetivos y los beneficios que aportan. Se realizó una revisión integradora en las bases de datos ERIC, Proquest, SCIELO, Science Direct, Pubmed, en el Banco de Tesis y Revistas de CAPES, en la Biblioteca Digital Brasileña de Tesis y en Google Académico. Fueron seleccionados 14 estudios sobre la temática estudiada, tras ser leídos en su totalidad por dos investigadores. Los datos extraídos se sistematizaron en tablas con la siguiente información: autor, año de publicación, país de estudio, tipo de producción, fuente de publicación, título, objetivo, participantes, diseño, lugar de intervención, intervención y resultados. El análisis de esta información permitió categorizar los datos: 1) tipo de estudio; 2) objetivos de los estudios; 3) programa desarrollado; 4) resultados obtenidos. El arte circense puede considerarse un ámbito importante para la inclusión de las personas con discapacidad, teniendo en cuenta la multiplicidad de posibilidades de adaptación.

Palabras clave: Persona con discapacidad; Educación especial; Circo.

1. Introdução

Crianças, jovens e adultos com deficiência têm mais barreiras e menos possibilidades de participação em atividades realizadas nos diferentes ambientes. Vários fatores podem influenciar a participação de crianças e jovens em programas que envolvem atividade física e lazer: (a) interesse, motivação e prioridades da própria criança e da família; (b) empoderamento, motivação e engajamento das famílias; (c) rede de apoio na comunidade e de serviços e profissionais especializados (BULT et al., 2011; WILLIS et al., 2019; YANG; OSTROSKY; MEADAN-KAPLANSKY, 2020); (d) ambiente físico acessível; (e) disponibilidade de equipamentos adaptados; (f) custo (YANG; OSTROSKY; MEADAN-KAPLANSKY, 2020). Quanto às barreiras para a participação, foram identificadas: (a) dificuldade de acesso e distância do local onde são desenvolvidas as atividades; (b) atitudinais; (c) falta de pessoal especializado; (d) falta de política pública (WILLIS et al., 2019); (e) características da criança; (f) características da família; (g) falta de acesso a informações sobre as atividades disponíveis na comunidade; (h) falta de tempo da família (BULT et al., 2011; YANG; OSTROSKY; MEADAN-KAPLANSKY, 2020).

De outro modo, parece haver uma relação entre idade e nível de participação, a severidade da deficiência e participação, bem como entre ambiente e participação. O índice de participação de crianças e adolescentes com deficiência física é melhor no ambiente domiciliar, piorando, gradativamente, no ambiente escolar e na comunidade (DA SILVA, 2019); as crianças com mais de 12 anos e com pior função motora têm menos oportunidades para participar em atividades de lazer (COLVER; DICKINSON, 2010; PRESUMIDO BRACCIALLI; REGANHAN; MANZINI, 2005).

As crianças e jovens com deficiência gastam a maior parte de seu tempo em atividades sedentárias, como assistindo televisão e usando tablets (YANG; OSTROSKY; MEADAN-KAPLANSKY, 2020), e a participação em programas de atividade física (WILLIS et al., 2019) e de lazer (BULT et al., 2011) é, significativamente, menor do que os seus pares com desenvolvimento típico. Nos EUA, diversos programas de atividade física fora do horário escolar têm sido oportunizados em diferentes ambientes na comunidade, incluindo área de lazer, centros esportivos, acampamentos de verão, centros de atividades extracurriculares e clubes esportivos. As atividades propostas nesses programas incluíam dança,

natação, recreação, esportes, estimulação de habilidades motoras fundamentais, treinamento de habilidades ao ar livre (ARBOUR-NICITOPoulos et al., 2018). No Brasil, crianças com deficiência, também, têm poucas oportunidades para participar de atividades fora do contexto escolar; geralmente, as atividades sociais incluem visitas aos familiares, passeios de carro, ida à igreja, passeios no shopping (PRESUMIDO BRACCIALLI; REGANHAN; MANZINI, 2005).

Com base nos estudos relatados anteriormente, há indicativos de que as atividades físicas extracurriculares realizadas por pessoas com deficiência se restringem ao treinamento corporal e a algumas habilidades artísticas e esportivas. Apesar de a arte circense permear esse universo, parece que tem sido pouco explorada como possibilidade de atividade física, de lazer e cultural para crianças, jovens e adultos com deficiência.

O circo é um espaço de ludicidade e multiplicidades, onde não existem restrições para os corpos, crenças ou etnias. Dentro da sociedade que é instaurada no circo, todos os participantes, de jovens até os mais idosos, independentemente de suas condições, têm um papel que é de extrema importância para o melhor funcionamento da companhia (PARMA; LOPES, 2016; SILVA, 2011). Além disso, o circo incita a superação corporal, psicológica e criativa dos artistas envolvidos, surpreendendo os espectadores com os virtuosismos corporais das apresentações, como, também, suscitando o riso por meio da dualidade encontrada nos corpos desajeitados dos palhaços. Há a necessidade de desmistificar o imaginário comum de que o picadeiro é o espaço do corpo perfeito, ideal. É preciso fazer entender que é o local de potencialidade para todos os corpos, corpos reais, tal como é exemplificado por alguns artistas admiráveis como José Bartholo (AVANZI; TAMAOKI, 2004), Ariadne Antico¹, Rafael Ferreira². Assim, questiona-se: por que esse espaço tem sido tão pouco ocupado por pessoas com deficiência?

Nesse contexto, o estudo teve como objetivo realizar uma análise sobre o conhecimento atual de programas de circo para pessoas com deficiência, bem como

¹ Palhaça Biritá. Disponível em: https://www.instagram.com/ariadne_dida. Acesso em: 18 fev. 2021.

² Artista da companhia Dupla Mão na Roda. Disponível em: <https://www.facebook.com/duplamaonarodaoficial>. Acesso em: 18 fev. 2021.

identificar as atividades mais utilizadas, seus objetivos e os benefícios proporcionados.

2. Método

Foi realizada uma revisão integrativa por ser considerada uma abordagem metodológica mais ampla, que permite incluir estudos experimentais e não experimentais, combinar estudos teóricos e empíricos com a finalidade de ter uma compreensão abrangente sobre o fenômeno estudado (MENDES; SILVEIRA; GALVÃO, 2008; SOUZA; SILVA; CARVALHO, 2010). Os mesmos autores consideram que o processo de elaboração da revisão integrativa deve obedecer, rigorosamente, os seguintes passos: 1) elaboração da pergunta norteadora ou hipóteses; 2) busca ou amostragem na literatura; 3) coleta de dados; 4) análise crítica dos estudos incluídos; 5) discussão ou interpretação dos resultados; 6) síntese do conhecimento ou apresentação da revisão integrativa (MENDES; SILVEIRA; GALVÃO, 2008; SOUZA; SILVA; CARVALHO, 2010).

Para a coleta de informações, primeiramente, foram elaboradas as seguintes perguntas norteadoras: Pessoas que são público-alvo da Educação Especial têm acesso as atividades circenses? Com quais objetivos? Quais os benefícios dessas atividades para esse público? Como são desenvolvidos esses programas?

A seguir, foi realizada uma busca abrangente nas bases de dados ERIC, Proquest, SCIELO, Science direct, Pubmed, no Banco de Teses e Dissertações da CAPES, no Banco de Periódicos Capes, na Biblioteca Digital de Dissertações e Teses e no Google acadêmico. Foi realizada a busca de artigos publicados até 2019, e foram utilizados os seguintes descritores: circo social; deficiência; circo; *disability*; *circus*; *handicap*; *social circus*. Nas bases de dados brasileiras, optou-se por utilizar, também, as palavras “circo” e “circo social” sem cruzar com o descritor “deficiência”, pois a busca inicial resultou em poucos estudos.

Para selecionar os estudos, foi realizada a leitura, por dois pesquisadores, do título, do resumo e das palavras-chave de todos os documentos recuperados, e foram excluídos aqueles que não abordavam a temática “circo” para o público-alvo da educação especial. Após a leitura, foram excluídos os documentos repetidos, obtidos nas diferentes fontes.

Em seguida, foi realizada a leitura na íntegra de todos os textos obtidos em língua inglesa e portuguesa, e foi feita uma busca reversa por meio de referências obtidas nas fontes extraídas. Por fim, foi realizada uma busca no Google Acadêmico usando os descritores relatados anteriormente.

Os dados extraídos dos estudos analisados foram organizados em um quadro no Excel com as seguintes informações: autor, ano de publicação, país de desenvolvimento do estudo, tipo de produção (artigo de periódico, dissertação, capítulo de livro etc.), fonte de publicação (nome da revista, entre outros), título, objetivo, participantes, delineamento, local da intervenção, intervenção, resultados. As informações, então, foram categorizadas e analisadas conforme o Quadro 1.

Quadro 1 – Categorias e subcategorias de análise dos estudos

CATEGORIA	SUBCATEGORIA
Tipo de estudo	
Objetivos dos estudos	Uso pedagógico de atividades circense
	Uso de atividades circense em programas de reabilitação
	Avaliar os benefícios do circo para a população com deficiência
Programas desenvolvidos	Clientela
	Local
	Intervenção realizada
	Atividades desenvolvidas
Resultado alcançados	

3. Resultados

A partir da análise dos dados, foram identificadas quatro categorias: 1) tipo de estudo; 2) objetivos dos estudos; 3) programa desenvolvidos; 4) resultados alcançados.

3.1. Tipo de estudo

Foram recuperados 14 estudos, publicados entre 2004 e 2019, sendo nove artigos em periódicos, oito em inglês, um em português; quatro capítulos de livro

em inglês e uma dissertação em português. No ano de 2014, houve um maior número de publicações devido a quatro capítulos publicados em livro pós-evento do Seminário *Culture Has an Impact* realizado pelo Effective Circus Project da Universidade de *Tampere*. Quanto ao delineamento de pesquisa, apenas dois eram estudos quantitativos, um tratava da descrição de um projeto de pesquisa e os demais tinham abordagem qualitativa (Quadro 2).

Quadro 2 – Descrição das informações da categoria “Tipo de estudos”

Autor, título, ano	Delineamento
TAYLOR, Ruth; TAYLOR, Clayton. Circus ‘C’: An Innovative Approach to Leisure for People with Disabilities. Annals of Leisure Research , [s.l.], v. 7, n. 2, p. 127-142, 2004.	Estudo qualitativo observacional
BOYD, Roslyn et al. INCITE: A randomised trial comparing constraint induced movement therapy and bimanual training in children with congenital hemiplegia. BMC neurology , [s.l.], v. 10, n. 1, p. 4, 2010.	Projeto de pesquisa
SAKZEWSKI, Leanne; ZIVIANI, Jenny; BOYD, Roslyn N. Best responders after intensive upper-limb training for children with unilateral cerebral palsy. Archives of physical medicine and rehabilitation , [s.l.], v. 92, n. 4, p. 578-584, 2011.	Estudo randomizado de comparação por pares, simples-cego
SAKZEWSKI, Leanne et al. Participation outcomes in a randomized trial of 2 models of upper-limb rehabilitation for children with congenital hemiplegia. Archives of physical medicine and rehabilitation , [s.l.], v. 92, n. 4, p. 531-539, 2011.	Estudo de comparação randomizado, único-cego
FLÓREZ, Laili von Czékus. Pedagogia da bobagem : uma oficina de palhaço para adultos com deficiência intelectual. 2012. Dissertação (Mestrado em Artes Cênicas) – Escola de Teatro, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012.	Estudo de caso
MCCAFFERY, Nick. Social Circus and applied anthropology: A synthesis waiting to happen. Anthropology in Action , [s.l.], v. 21, n. 1, p. 30-35, 2014.	Pesquisa etnográfica com abordagem colaborativa da antropologia aplicada
WEBSTER, Jim; MCCAFFERY, Nick. Studying the effects of social circus projects amongst adults with learning disabilities in northern Ireland. In: KEKALAINEN, K. (Ed.). <i>Studying Social Circus - Openings and Perspectives</i> . Tampere: University of Tampere 2014. p. 38-44.	Abordagem etnográfica, participante observador
KELLIHER, Frances; HINZ, Thomas. Developing community circus in Aotearoa New Zealand: evaluation techniques and conclusions. In: KEKALAINEN, K. (Ed.). <i>Studying Social Circus - Openings and Perspectives</i> . Tampere: University of Tampere 2014. p. 27-37.	Qualitativa
FIORINI, Tania. Effectiveness Evaluation in Social Circus Projects: a methodological proposal. In: KEKALAINEN, K. (Ed.). <i>Studying Social Circus - Openings and Perspectives</i> . Tampere: University of Tampere 2014. p. 61-69.	Metodológica
LIDMAN, Jukka; KINNUNEN, Riitta. Wellbeing Effects from Social Circus. In: KEKALAINEN, K. (Ed.). <i>Studying Social Circus - Openings and Perspectives</i> . Tampere: University of Tampere 2014. p. 45-51.	Qualitativa

SPIEGEL, Jennifer Beth et al. Social circus and health equity: Exploring the national social circus program in Ecuador. Arts & Health , [s.l.], v. 7, n. 1, p. 65-74, 2015.	Qualitativa
BESSONE, Ilaria. Social Circus as an Organised Cultural Encounter Embodied Knowledge, Trust and Creativity at Play. Journal of Intercultural Studies , [s.l.], v. 38, n. 6, p. 651-664, 2017.	Investigação etnográfica
LOISELLE, Frédéric et al. Social circus program (Cirque du Soleil) promoting social participation of young people living with physical disabilities in transition to adulthood: a qualitative pilot study. Developmental Neurorehabilitation , [s.l.], v. 22, n. 4, p. 250-259, 2019.	Desenho qualitativo fenomenológico exploratório
GUIMARÃES, Haunny Torisco et al. As atividades circenses nas aulas de educação física escolar e a criança com múltiplas deficiências. Conexões , [s.l.], v. 17, p. 1-13, 2019.	Estudo descritivo do tipo “relato de experiência qualitativo”

3.2. Objetivos dos estudos

Em relação à categoria *objetivos dos estudos*, foram identificadas três subcategorias: (1) *Uso pedagógico de atividades circense*; (2) *Uso de atividades circenses em programas de reabilitação*; (3) *Avaliar os benefícios do circo para a população com deficiência*. Na subcategoria *Uso pedagógico de atividades circense*, foram identificados três estudos publicados entre 2004 e 2019 (Quadro 3).

Quadro 3 – Objetivos dos estudos da subcategoria *Uso pedagógico de atividades circense*

Autor, ano	Objetivo
Taylor; Taylor (2004)	Usar o ensino e a aprendizagem das habilidades circenses como um meio para ajudar os alunos a desenvolver habilidades pessoais, físicas e sociais.
Flórez (2012)	Sistematizar uma proposta pedagógica de palhaço para adultos com deficiência intelectual.
Guimarães et al. (2019)	Descrever uma experiência pedagógica com as manifestações circenses em aulas de Educação Física, e refletir sobre a participação de crianças com múltiplas deficiências.

Na subcategoria *Uso de atividades circense em programas de reabilitação*, as propostas foram desenvolvidas na Austrália, e os três artigos foram produzidos e publicados pelo mesmo grupo de pesquisadores da Universidade de Queensland, Brisbane, Austrália (Quadro 4). O estudo de 2010 trata da descrição de uma proposta de projeto que teria como objetivo comparar se a reabilitação com Terapia de Contensão Induzida (CIMT) era mais eficaz do que o Treinamento Bimanual (BIM) para melhorar a função de membro superior plégico, a participação social e a

qualidade de vida de crianças com paralisia cerebral do tipo hemiplegia (BOYD et al., 2010). Os outros dois estudos apresentaram os resultados obtidos após a realização da pesquisa (SAKZEWSKI et al., 2011; SAKZEWSKI; ZIVIANI; BOYD, 2011).

Quadro 4 – Objetivos dos estudos da subcategoria *Uso de atividades circense em programas de reabilitação*

Autor, ano	Objetivo
Boyd et al. (2010)	Estudo teórico de proposta de projeto de comparação randomizado, único-cego.
Sakzewski; Ziviani; Boyd (2011)	Delinear características dos melhores respondedores, comparando a CIMT com o BIM para crianças com paralisia cerebral.
Sakzewski et al. (2011)	Determinar se a CIMT é mais eficaz que o BIM para o desempenho ocupacional e a participação de crianças hemiparéticas.

Na subcategoria *Avaliar os benefícios do circo para a população com deficiência*, foram identificados quatro artigos e cinco capítulos de livro publicados no período entre 2014 e 2018 (Quadro 5).

Quadro 5 – Objetivos dos estudos da subcategoria *Avaliar os benefícios do circo para a população com deficiência*

Autor, ano	Objetivo
Mccaffery (2014)	Explorar o potencial para o desenvolvimento de investigação no campo do circo social com indivíduos com deficiência.
Webster e Mccaffery (2014)	Descrever e avaliar um projeto de circo social para adultos com dificuldade de aprendizagem.
Kelliher e Hinz (2014)	Avaliar e apoiar o desenvolvimento do circo comunitário com foco na integração de pessoas com deficiência.
Fiorini (2014)	Descrever aspectos teóricos e operacionais para avaliação de projetos de circo com pessoas com deficiência.
Lidman e Kinnunen (2014)	Verificar os benefícios do circo social para os participantes.
Spiegel et al. (2015)	Verificar o impacto de um programa de circo social na equidade em saúde.
Bessone (2017)	Analisar como as características centrais da prática do circo representam trunfos que os educadores têm ao gerenciar encontros culturais.
Loiselle et al. (2019)	Descrever a percepção sobre o impacto de um programa de circo social (Cirque du Soleil) na participação de jovens com deficiência física.

3.3. Programas desenvolvidos

Os estudos que tinham como objetivo o uso pedagógico de atividades circense foram desenvolvidos na Austrália (n=1) e no Brasil (n=2), os que tinham como objetivo o *Uso de atividades circense em programas de reabilitação* foram realizados na Austrália (n=3), e aqueles que tinham como objetivo *Avaliar os benefícios do circo para a população com deficiência* foram desenvolvidos no Canadá (n=1), Irlanda do Norte (n=2), Itália (n=2), Finlândia (n=1), Equador (n=1) e Nova Zelândia (n=1) (Quadro 6).

Foram participantes dos estudos crianças, jovens e adultos com idade a partir de 5 anos. Os participantes tinham diversos diagnósticos: deficiência intelectual, que variava de leve a grave (FLÓREZ, 2012; KELLIHER; HINZ, 2014; LIDMAN; KINNUNEN, 2014; LOISELLE et al., 2019; TAYLOR; TAYLOR, 2004); deficiência física (BOYD et al., 2010; KELLIHER; HINZ, 2014; LIDMAN; KINNUNEN, 2014; LOISELLE et al., 2019; SAKZEWSKI et al., 2011; SAKZEWSKI; ZIVIANI; BOYD, 2011; TAYLOR; TAYLOR, 2004); transtorno do espectro autista (GUIMARÃES et al., 2019; MCCAFFERY, 2014); dificuldade de aprendizagem (KELLIHER; HINZ, 2014; LOISELLE et al., 2019; MCCAFFERY, 2014; WEBSTER; MCCAFFERY, 2014); deficiência auditiva (KELLIHER; HINZ, 2014; LIDMAN; KINNUNEN, 2014; LOISELLE et al., 2019); deficiência visual (LIDMAN; KINNUNEN, 2014). Os estudos de Fiorini (2014) e Bessone (2017) não especificaram a clientela participante (Quadro 6).

As aulas/oficinas de circo tinham uma duração de 50 minutos a duas horas, e as propostas duraram entre duas sessões a 15 semanas de intervenção. As atividades foram desenvolvidas em diferentes ambientes: espaço cultural (FLÓREZ, 2012); escola durante as aulas de Educação Física (GUIMARÃES et al., 2019); centro esportivo comunitário (BOYD et al., 2010; LOISELLE et al., 2019; SAKZEWSKI et al., 2011; SAKZEWSKI; ZIVIANI; BOYD, 2011); e escola de circo (MCCAFFERY, 2014; WEBSTER; MCCAFFERY, 2014).

A intervenção proposta por Taylor e Taylor (2004) tinha uma abordagem colaborativa para ensinar habilidades circenses. Em um primeiro momento, todos os envolvidos no projeto escolheram um nome artístico para cada participante do programa e um nome de circo para o programa. Foram adquiridos figurinos para serem utilizados durante os ensaios, e tinham como objetivo delimitar para os

alunos o início e o fim de cada sessão. Todos os participantes foram incentivados a experimentar os diferentes equipamentos circenses e demonstrar suas habilidades. Os alunos que dominavam um determinado equipamento ou habilidade foram agrupados em equipes para apresentações, e foi buscada uma habilidade específica para cada pessoa se especializar, o que ajudou a promover o conceito de equipe. No programa, as atividades circenses foram divididas em pequenas partes, e os equipamentos ou movimentos mais fáceis foram introduzidos em uma progressão.

Flórez (2012) propôs uma oficina de palhaço cujas aulas foram divididas em quatro momentos: 1) atividade expositiva e dialogada; 2) vivências de atividades circenses; 3) percepções e análise das atividades desenvolvidas; 4) avaliação das atividades por meio de uma roda de conversa.

Na proposta de Guimarães et al. (2019), foram realizadas vivências corporais circenses.

Nas propostas de intervenção que tinham como objetivo a reabilitação (BOYD et al., 2010; SAKZEWSKI et al.; 2011; SAKZEWSKI; ZIVIANI; BOYD, 2011), após a avaliação, os participantes foram distribuídos de forma randomizada para participação em um treinamento Bimanual (BIM) e, imediatamente após, o outro grupo fez treinamento de duas semanas de Terapia de Contensão Induzida (CIMT). Para otimizar o envolvimento das crianças na intervenção, em ambos os grupos, foram utilizadas atividades circenses com treinamento direcionado a objetivos. O programa de treinamento para os dois grupos foi dividido assim (por dia): uma hora de atividades motoras finas; duas horas de oficina de circo; uma hora e meia para refeições; uma hora para jogos; e a meia hora final para discussões. Na parte final de jogos, os grupos participaram de jogos de paraquedas e jogos de esporte. Para a execução do treinamento, foi constituída uma equipe composta por voluntários com formação em fisioterapia, terapia ocupacional, educação física, além de recreacionistas e profissionais do circo, com uma proporção de dois participantes para cada membro da equipe.

As oficinas de circo realizadas por McCaffery (2014) e Webster e McCaffery (2014) tiveram como base as seguintes premissas: (1) é responsabilidade do participante desenvolver suas próprias habilidades por meio da prática; (2) é responsabilidade dos tutores garantir incentivo, oportunidade e assistência para se

assegurar de que cada participante tenha a capacidade de desenvolver suas próprias habilidades.

As oficinas de Loisel et al. (2019) foram realizadas por dois instrutores de circo (artistas) e uma cinesiologista em reabilitação, que desempenhou o papel de agente comunitário. O instrutor de circo garantiu a exploração artística e o desenvolvimento das habilidades circenses, e o profissional de saúde focou na aquisição de habilidades sociais, da vida e sua generalização no cotidiano dos jovens, além de responder a necessidades específicas relacionadas à saúde (assistência, segurança e acompanhamento individual, se necessário, com a equipe de reabilitação externa associada). O programa foi dividido em cinco blocos de duas a cinco semanas: (1) o bloco I consistiu na exploração do repertório de circo (atividades), conhecendo-se uns aos outros e determinando responsabilidades do grupo/indivíduo; (2) o bloco II focou na aquisição de habilidades de circo global e coesão de grupo; (3) o bloco III incluiu treinamento personalizado sobre disciplina circense e processo criativo comum (cenário e elenco); (4) o bloco IV consistiu no ensaio do show, apoio de pares/grupos e maiores responsabilidades compartilhadas; e, finalmente, (5) o bloco V tratava de compartilhar *feedback* sobre sua experiência no palco e resultados percebidos em sua vida pessoal. Para cada bloco, os objetivos foram divididos em duas categorias: (1) o primeiro, chamado de “aulas de circo”, referia-se aos objetivos técnicos; (2) a segunda categoria, chamada “lições de vida”, referia-se aos objetivos sociais e teve como alvo as habilidades sociais, dinâmicas de grupo e discussão de vários tópicos, como a experiência dos participantes no programa, a sociedade e a integração da comunidade. Ao longo do programa, os participantes tiveram que respeitar um código de comportamento que enfatizava os valores sociais de respeito, inclusão, justiça, colaboração e cooperação, como fariam em um contexto de trabalho real. Além disso, oportunidades significativas relacionadas a situações da vida real foram usadas pelo profissional de reabilitação para melhorar o entendimento e a aquisição de habilidades essenciais personalizadas, relacionadas à idade adulta. Eles, também, tiveram que respeitar as regras de segurança e limpeza e informar ao diretor do programa quando alguém estava atrasado ou ausente.

Fiorini (2014), Lidman e Kinnunen (2014), Spiegel et al. (2015) e Bessone (2017) não descreveram os programas desenvolvidos.

Nas oficinas/sessões de circo, foram exploradas habilidades de: (a) malabarismo com bolas, clave e aro (BOYD et al., 2010; LOISELLE, 2019; MCCAFFERY, 2014; SAKZEWSKI et al., 2011; SAKZEWSKI; ZIVIANI; BOYD, 2011; WEBSTER; MCCAFFERY, 2014); (b) manipulação de objetos como diabolô, *flowerstick*, *poi*, prato chinês, *devil sticks* e fitas (BOYD et al., 2010; GUIMARÃES et al., 2019; LIDMAN; KINNUNEN, 2014; LOISELLE, 2019; MCCAFFERY, 2014; TAYLOR; TAYLOR, 2004; SAKZEWSKI et al., 2011; SAKZEWSKI; ZIVIANI; BOYD, 2011; WEBSTER; MCCAFFERY, 2014); (c) equilíbrio sobre objetos (GUIMARÃES et al., 2019; LIDMAN; KINNUNEN, 2014; MCCAFFERY, 2014; TAYLOR; TAYLOR, 2004; WEBSTER; MCCAFFERY, 2014), momento em que foi ensinado a andar de pernas de pau e monociclo, além de acrobacias de solo (LIDMAN; KINNUNEN, 2014; LOISELLE, 2019); (d) acrobacias aéreas no trapézio e no tecido acrobático (BOYD et al., 2010; LOISELLE, 2019; SAKZEWSKI et al., 2011; SAKZEWSKI; ZIVIANI; BOYD, 2011); (e) *acrobalance* (BOYD et al., 2010; SAKZEWSKI et al., 2011; SAKZEWSKI; ZIVIANI; BOYD, 2011); (f) esporadicamente, foram trabalhados elementos da encenação teatral, com máscaras e a partir da figura do palhaço (LOISELLE, 2019), exceto no estudo cujo foco foi a oficina de palhaço (FLÓREZ, 2012). A decisão sobre os equipamentos ou modalidades ensinadas foi baseada em questões de segurança, na adequação do espaço disponível e no número de funcionários no projeto.

Quadro 6 – Descrição dos programas de circo

Autor, ano	Clientela	Local/país	Intervenção	Atividades
Taylor e Taylor (2004)	20 estudantes com idades entre 12 e 18 anos com deficiência intelectual e/ou de mobilidade, que variaram de leve a grave.	Unidade de apoio educacional na Austrália.	Três sessões de uma hora por semana. Os alunos e funcionários foram imersos em vídeos de circo, livros, apresentações ao vivo e oficinas.	Diabolô, malabares, <i>devil sticks</i> , prato chinês, <i>poi</i> , perna de pau.
Flórez (2012)	Oito adultos com	Espaço Xisto, Bahia, Brasil.	Cada encontro teve duração de duas horas/aula,	Atividade expositiva e dialogada;

	deficiência intelectual.		quinze encontros realizados em cinco semanas (três vezes por semana), totalizando 30h.	vivências de atividades circenses; percepções e análise das atividades desenvolvidas; e avaliação das atividades
Guimarães et al. (2019)	Turma do 6º ano do ensino fundamental II em havia matriculado e frequente um aluno com laudo médico com Transtorno do Espectro Autista e Déficit Intelectual com 12 anos de idade.	Escola, Brasil.	Duas aulas de 50min, totalizando 1h 40min com atividades circenses.	Prato chinês, corda bamba e malabares.
Boyd et al. (2010)	52 crianças com hemiplegia congênita com idades entre 5 e 16 anos.	Proposta de acampamento diurnos realizados em instalação esportiva, Austrália.	Intervenção com atividades circenses e treinamento direcionado a objetivos, com grupos por seis horas por dia por duas semanas	Atividades com fitas, <i>devil sticks</i> ; aros, prato chinês, acrobalance e aéreos.
Sakzewski; Ziviani; Boyd (2011)	Crianças pareadas por idade, sexo, lado da hemiplegia e função dos membros superiores.	Acampamentos em instalações comunitárias, Austrália.	Descrita no estudo de Boyd et al. (2010).	Descrita no estudo de Boyd et al. (2010).
Sakzewski et al. (2011)	Crianças foram pareadas por idade, sexo, lado da hemiplegia e função dos membros superiores, e foram randomizadas para CIMT ou BIM.	Acampamentos em instalações comunitárias, Austrália.	Descrita no estudo de Boyd et al. (2010).	Descrita no estudo de Boyd et al. (2010).

McCaffery (2014)	Pessoas com dificuldade de aprendizagem e com Transtorno do Espectro Autista.	Streetwise Community Circus, Irlanda do Norte.	Oficinas de circo acessíveis ministradas por equipes de tutores experientes.	Malabarismo (bolas, clave e aro), habilidades de equilíbrio sobre objetos (andar de pernas de pau e monociclo) e de manipulação (diabolô, <i>flowerstick</i> , <i>poi</i>).
Webster e McCaffery (2014)	Adultos com dificuldade de aprendizagem.	Streetwise Community Circus Belfast, Irlanda do Norte.	Oficina baseada nos mesmos princípios que qualquer outra oficina de circo.	Malabarismo (bolas, clave e aro), habilidades de equilíbrio sobre objetos (andar de pernas de pau e monociclo) e de manipulação (diabolô, <i>flowerstick</i> , <i>poi</i>).
Kelliher e Hinz (2014)	Crianças, jovens, adultos com deficiência intelectual, física e de aprendizagem, e crianças surdas	Nova Zelândia	Programa de 12 semanas com aulas semanais com os participantes distribuídos em grupo.	Não especificou.
Fiorini (2014)	Não especifica o público-alvo.	Itália	Não especificou o programa.	Não especificou.
Lidman e Kinnunen (2014)	Crianças com deficiência física, intelectual, visual ou auditiva.	Finlândia	Não especificou.	Controle do corpo e de manipulação de objetos, equilíbrio e acrobacias.
Spiegel et al. (2015)	Adultos e jovens com deficiência.	Equador	Não especificou.	Não especificou.
Bessone (2017)	Não especifica o público-alvo.	Itália	Não especificou.	Não especificou.
Loiselle et al. (2019)	Jovens adultos com deficiência física, juntamente com um dos pais (díades).	Centro de treinamento comunitário dedicado às artes circenses, Canadá.	Programa com duas oficinas de duas horas por semana por 12 semanas, incluindo três	Jogos de aquecimento, acrobacias, acrobacias aéreas (trapézio e tecido acrobático),

			apresentações públicas.	manipulação (malabarismo e manuseio de outros objetos), equilíbrio, improvisação e palhaçaria.
--	--	--	-------------------------	--

3.4. Resultados alcançados

A sistematização de uma proposta de atividades circenses proporcionou oportunidades para os alunos no que se refere a/ao: aprimoramento da comunicação verbal e não-verbal (FLÓREZ, 2012; LOISELLE et al., 2019; TAYLOR; TAYLOR, 2004; WEBSTER; MCCAFFERY, 2014); aperfeiçoamento da habilidades motoras (LIDMAN; KINNUNEN, 2014; LOISELLE et al., 2019; MCCAFFERY, 2014; SAKZEWSKI et al., 2011; SAKZEWSKI; ZIVIANI; BOYD, 2011; TAYLOR; TAYLOR, 2004; WEBSTER; MCCAFFERY, 2014); melhora da autoestima e da autoconfiança (BESSONE, 2017; FLÓREZ, 2012; SPIEGEL et al., 2015; TAYLOR; TAYLOR, 2004; WEBSTER; MCCAFFERY, 2014); mudanças comportamentais (TAYLOR; TAYLOR, 2004); promover a inclusão (GUIMARÃES et al., 2019); benefícios sociais (LIDMAN; KINNUNEN 2014; LOISELLE et al., 2019; MCCAFFERY, 2014; SPIEGEL et al., 2015), emocionais (TAYLOR; TAYLOR, 2004), cognitivos (TAYLOR; TAYLOR, 2004) e psicológicos (LIDMAN; KINNUNEN; 2014); recreação (LIDMAN; KINNUNEN, 2014), solidariedade (SPIEGEL et al., 2015); criatividade (BESSONE, 2017), responsabilidades (LOISELLE et al., 2019); melhora no desempenho ocupacional (SAKZEWSKI et al., 2011).

Flórez (2012) destacou pontos negativos da oficina pedagógica de palhaço: o número reduzido de alunos e a dificuldade no recrutamento durante a formação do grupo, por esse ocorrer em um espaço cultural fora do contexto escolar, dificuldades no transporte do participante e indisponibilidade de acompanhante.

Quadro 7 - Resultados obtidos com os programas que tinham como objetivo o *Uso pedagógico de atividades circense*

Autor, ano	Resultados
------------	------------

Taylor e Taylor (2004)	Aprimoramento da comunicação e das habilidades físicas, da autoestima e da autoconfiança; e mudanças comportamentais.
Flórez (2012)	A carga horária e o espaço cultural possibilitaram uma abordagem mais profunda e criativa. Dificuldade para formar o grupo de alunos. Necessidade de modificações no planejamento. Desenvolvimento da autoestima, de habilidades comunicativas e de expressão.
Guimarães et al. (2019)	Possibilidade de inserir o conteúdo circense nas aulas de Educação Física Escolar, priorizando a diversidade e a inclusão, independente das limitações apresentadas pelas crianças.
Boyd et al. (2010)	O artigo descreve a base teórica, as hipóteses e as medidas de resultados de um estudo randomizado comparando o treinamento CIMT com o BIM.
Sakzewski, Ziviani; Boyd (2011)	Ambos os grupos melhoraram a capacidade para usar o membro superior hemiplégico, porém, 26 semanas após o treinamento, o grupo CIMT teve resultados mais favoráveis.
Sakzewski et al. (2011)	Ambos os grupos tiveram alterações significativas no desempenho ocupacional, e os resultados foram mantidos após 26 semanas.
McCaffery (2014)	Benefícios sociais, emocionais, físicos e cognitivos.
Webster e McCaffery (2014)	Melhora no bem-estar, na fala e na linguagem, na aptidão física, na confiança e na eficácia em aprender habilidades de circo.
Kelliher e Hinz (2014)	Indicaram efeitos positivos.
Fiorini (2014)	Metodologia intersetorial pode ser aplicada com sucesso a qualquer tipo de intervenção e objetivo.
Lidman e Kinnunen (2014)	Benefícios sociais, psicológicos, físicos e proporciona recreação para pessoas com deficiência física e sensorial.
Spiegel et al. (2015)	Desenvolvimento de habilidades sociais, além de estimular a construção da autoestima e promover a solidariedade.
Bessone (2017)	Promover o autoaperfeiçoamento, construir novos significados, valorizar o conhecimento, a confiança e a criatividade.
Loiselle et al. (2019)	Melhoras em: comunicação, mobilidade, relacionamentos, vida comunitária e responsabilidades.

4. Discussão

Apesar de a arte circense ser milenar, com registros iconográficos em diversas sociedades da antiguidade (CASTRO, 2005), as pesquisas nessa área se

encontram ainda em expansão e pouco tem sido estudado sobre o impacto da participação da pessoa com deficiência nessas atividades.

Na revisão realizada, identificamos: (1) os primeiros estudos foram publicados em 2004; (2) os estudos têm como foco a descrição de programas desenvolvidos em países específicos; (3) os programas desenvolvidos com pessoas com deficiência, fora do Brasil, foram inseridos no contexto do circo social ou comunitário; (4) as atividades desenvolvidas tinham como foco ensinar habilidades de manipulação de objetos e equilíbrio, no entanto, as habilidades de palhaço raramente foram exploradas, e outras não foram citadas; (5) realizaram adaptação de estratégias de ensino, como o uso de tutores, porém não relataram a adaptação dos recursos e equipamentos utilizados; (6) as oficinas, geralmente, eram realizadas em ambiente segregado e os participantes eram distribuídos em grupos que tinham como critério o tipo de deficiência; (7) os estudos enfatizaram os benefícios sociais, emocionais, físicos, cognitivos e de reabilitação que a arte circense possibilita ao praticante; (8) os programas tiveram a preocupação de prever apresentação de, pelo menos, um espetáculo para uma plateia.

Os programas de circo identificados têm possibilitado a participação de crianças, jovens e adultos com diferentes habilidades e incapacidades. Os estudos analisados parecem indicar que a arte circense pode ser uma excelente alternativa terapêutica, de lazer, trabalho e de participação no contexto social, principalmente, para pessoas com deficiência na fase de transição para a vida adulta. A transição para a vida adulta tem sido relatada como o momento em que as oportunidades de participação em atividades nos diferentes contextos se restringem para a pessoa com deficiência. Pesquisas têm indicado que, a partir da adolescência, diminui a participação da pessoa com deficiência nas atividades realizadas nos diferentes ambientes – em casa, na escola e na comunidade (COLVER; DICKINSON, 2010; DA SILVA, 2019).

A prática baseada em evidência tem indicado que, para que a inclusão e o ensino de crianças com deficiência múltipla ocorra de forma efetiva, são necessários o uso adequado de dispositivos de tecnologia assistiva, maior tempo de resposta, instrução em vários níveis, aprendizado cooperativo, aprendizado baseado em atividades e apoio de colegas (ROGERS; JOHNSON, 2018). Programas de atividade

física fora do contexto escolar têm proposto uma variedade de modificações necessárias para o ensino do aluno com deficiência, tais como: (a) adaptações de baixa tecnologia para fornecer suporte e estabilidade adicionais; (b) disponibilidade de equipamento adicional, cadeiras de rodas adaptadas, outros equipamentos recreativos adaptados; (c) alteração do ambiente físico e/ou social (por exemplo, a presença de mais funcionários ou mentores; ambientes para fornecer suporte mais tangível para os participantes executarem as atividades; e (d) aprimoramento nas instruções por meio de figuras e/ou texto escrito adicional; (e) colega-tutor e grupos com um número menor de participantes; (f) participação de praticantes com e sem deficiência no programa juntos; (g) valores e participação igualitária de todos; (h) respeito mútuo; (i) celebração das diferenças; (j) adaptar as atividades às necessidades; (k) aumentar independência e autonomia; (l) facilitar a individualização, aprendizagem, social aceitação e criatividade (ARBOURNICITOPOULOS et al., 2018).

Nos estudos analisados, observou-se que as estratégias utilizadas para o ensino da arte circense estão condizentes com os modelos preconizados atualmente de ensino de alunos com deficiência. Os programas circenses adequaram as estratégias às necessidades do praticante, enfatizaram as habilidades em detrimento das dificuldades, utilizaram tutores e aumentaram o tempo de resposta. No entanto, não indicaram: a) se realizaram adaptação do material e de equipamentos utilizados; b) a prática foi realizada em ambiente segregado; (c) se havia participação de praticantes sem deficiência; c) quando eram atendidos alunos com diferentes tipos de deficiência, se eles eram distribuídos em grupos por tipo de deficiência – o que se contrapõe ao ensino inclusivo.

A adaptação do material e de equipamentos, bem como o uso de tecnologia assistiva poderiam favorecer a participação e a inclusão do praticante da arte circense com deficiência. Os recursos de tecnologia assistiva facilitam a participação da criança com deficiência, principalmente, com deficiência física e intelectual, nas atividades que envolve aprendizagem nos diferentes ambientes e contextos (MURCHLAND; PARKYN, 2011). Dentro da história circense, as adaptações e a criação de novos materiais e equipamentos não são novidades; a elaboração dos recursos artísticos, muitas vezes, é realizada pelos próprios artistas. Essa dinâmica

tem como objetivo adequar o equipamento à necessidade específica de cada apresentação e à habilidade do artista, deixando, assim, o número mais desafiador – ou mesmo, facilitando a performance. Essa dinâmica não desvaloriza a capacidade do artista, mas possibilita um melhor desempenho, o desenvolvimento de uma apresentação ou a ampliação da ludicidade do circo. Com isso, é possível se libertar de padrões encontrados nas lojas de equipamentos circenses e encontrar na confecção artesanal um caminho de maior envolvimento dos alunos com a prática (PARMA; LOPES, 2016). A criação e a adaptação do recurso podem ser utilizadas como uma estratégia pedagógica para facilitar a compreensão e a aprendizagem das habilidades propostas.

Os programas circenses analisados exploraram, principalmente, o ensino de habilidades de manipulação de objetos e equilíbrio em detrimento de outras possibilidades, como acrobacias, contorcionismo, palhaço, entre outros. Podem ser diversos os motivos pelos quais tenham sido escolhidas apenas essas habilidades para serem trabalhadas, mas é importante pontuar que, dentro do circo, existem diversas possibilidades de criação, técnica e desenvolvimento artístico, podendo ser escolhida uma modalidade por meio da qual um participante consiga alcançar um determinado objetivo com maior facilidade em um primeiro momento e, em seguida, desafiando-o a alcançar outra habilidade de maior dificuldade. As características próprias do indivíduo poderiam ser um facilitador no desenvolvimento de determinadas habilidades. Por exemplo, as pessoas com tônus muscular baixo, talvez, tenham uma maior facilidade para explorar a arte do contorcionismo, no entanto, isso não implica que todos os indivíduos com tônus muscular baixo devam fazer apenas contorcionismo. Não se pode descartar que algumas possibilidades acabam sendo excluídas por causa dos estigmas existentes, algo comum ao se trabalhar com a arte do palhaço. Por trazer uma figura que é, popularmente, conhecida como perdedora, incapaz, ignorante, entre outros atributos pejorativos, cria-se uma tensão de como isso seria recebido pelos participantes, como, também, pelos familiares e amigos. Contudo, o palhaço é um ser que tem o potencial de transformar a realidade, de ter uma visão diferenciada da sociedade, assim como de aceitar as fragilidades e as tornar potências criativas. A partir dessa percepção do palhaço, abre-se um leque de possibilidades para o trabalho da arte do palhaço com

os mais diversos públicos possíveis, considerando que todos que têm fragilidades (ou seja, todos que estão vivos) são aceitos nessa grande brincadeira de rir e fazer rir.

Os programas analisados colocam em sua proposta pedagógica, pelo menos, uma apresentação aberta, sendo relatada uma boa resposta do público presente. Existe um processo de desenvolvimento pessoal do artista que ultrapassa a aprendizagem das habilidades, a exposição dos saberes ao público é parte fundamental da cultura do circo, sendo assim, apresentações com plateia possibilitam o desenvolvimento do aprendiz, ajudando a superar medos, aprendendo a lidar com erros e imprevistos. Em quase todos os relatos, as apresentações foram direcionadas a familiares e amigos dos participantes, algo bom para a primeira experiência, pois faz sua estreia entre pessoas conhecidas, aumentando assim a confiança dos aprendizes. A repetição de apresentações ajuda a desenvolver uma rotina artística, o que aprimora as habilidades. Além disso, múltiplas apresentações abrem a possibilidade de diferentes públicos, com as mais diversas reações, algo essencial para o desenvolvimento da arte.

Considerando o desenvolvimento artístico, nota-se que os programas citados têm o objetivo voltado, principalmente, às questões terapêuticas dos participantes, deixando uma lacuna para outras possibilidades. Um estudo realizado na França corrobora essa afirmação: o autor (LANTZ, 2017) descreveu de que modo a prática de estar em um circo é desviada de seu propósito artístico, e investida em educação e objetivos terapêuticos, quando os participantes são pessoas com deficiência. Como já dito, o circo é aberto para os mais diferentes corpos com as mais diferentes capacidades e habilidades, sendo, assim, uma possibilidade para o desenvolvimento artístico de quaisquer pessoas que se interessem pela temática. Programas que encorajem pessoas com deficiência a desenvolver seus trabalhos artísticos são necessários para a democratização da arte, pois essas pessoas podem descobrir e desenvolver habilidades únicas passíveis de boa performance artística, como os exemplos já citados no texto.

5. Conclusões

O circo tem obtido visibilidade como proposta lúdica para a reabilitação e para a educação da pessoa com deficiência, porém ainda existe uma carência de estudos e programas em relação à inserção da pessoa com deficiência direcionado ao trabalho artístico profissional.

A arte circense pode ser considerada um campo frutífero para a inclusão de pessoas com deficiência, considerando a multiplicidade de possibilidades de adaptação nesse contexto. O circo é uma arte em constante transformação, sendo sempre contemporânea ao tempo e à sociedade em que se insere.

Referências

ARBOUR-NICITOPOULOS, K. P.; GRASSMANN, V.; ORR, K.; MCPHERSON, A. C.; FAULKNER, G. E.; WRIGHT, F. V. A scoping review of inclusive out-of-school time physical activity programs for children and youth with physical disabilities. **Adapted Physical Activity Quarterly**, [s. l.], v. 35, n. 1, p. 111-138, 2018. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/29338295/>. Acesso em: 02 jun. 2020.

AVANZI, ROGER; TAMAOKI, V. (2004). **Circo Nerino**. São Paulo: Pindorama Circus: CÓDEX, 2004.

BESSONE, I. Social Circus as an Organised Cultural Encounter Embodied Knowledge, Trust and Creativity at Play. **Journal of Intercultural Studies**, [s. l.], v. 38, n. 6, p. 651-664, 2017. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/07256868.2017.1379962>. Acesso em: 16 jan. 2020.

BOYD, R.; SAKZEWSKI, L.; ZIVIANI, J.; ABBOTT, D. F.; BADAWY, R.; GILMORE, R.; PROVAN, K.; TOURNIER, J. D.; MACDONELL, R. A. L.; JACKSON, G. D. INCITE: A randomised trial comparing constraint induced movement therapy and bimanual training in children with congenital hemiplegia. **BMC Neurology**, [s. l.], v. 10, p. xx-yy, 2010. Disponível em: <https://bmcnneurol.biomedcentral.com/articles/10.1186/1471-2377-10-4>. Acesso em: 07 jan. 2020.

BULT, M. K.; VERSCHUREN, O.; JONGMANS, M. J.; LINDEMAN, E.; KETELAAR, M. What influences participation in leisure activities of children and youth with physical disabilities? A systematic review. **Research in Developmental Disabilities**, [s. l.], v. 32, n. 5, p. 1521-1529, 2011. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1016/j.ridd.2011.01.045>> Acesso em: 07 jan. 2020.

CASTRO, A. V. **O elogio da bobagem**: palhaços no Brasil e no mundo. Rio de Janeiro: Editora Família Bastos, 2005.

COLVER, A. F.; DICKINSON, H. O. Study protocol: Determinants of participation and quality of life of adolescents with cerebral palsy: A longitudinal study (SPARCLE2). **BMC Public Health**, [s. l.], v. 10, 2010. Disponível em: <https://bmcpublihealth.biomedcentral.com/articles/10.1186/1471-2458-10-280>. Acesso em: 07 jun. 2013.

da Silva, J. F. C. T. (2019). **Nível de atividade física, participação e qualidade de vida de pessoas com deficiência física em diferentes contextos**. In Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Filosofia e Ciências, da Universidade Estadual Paulista – UNESP. Disponível em <https://doi.org/10.1037/0033-2909.126.1.78>. Acesso em: 07 jan. 2020.

FIORINI, T.. Effectiveness Evaluation in Social Circus Projects: a methodological proposal. In: KEKALAINEN, K. (Ed.). **Studying Social Circus - Openings and Perspectives**. Tampere: University of Tampere 2014. p. 61-69. Disponível em: https://icasc.ca/wp-content/uploads/2016/06/Studying_Social_Circus.pdf. Acesso em: 06 agost. 2020.

FLÓREZ, L. von C. **Pedagogia da bobagem**: uma oficina de palhaço para adultos com deficiência intelectual. 2012. Dissertação (Mestrado em Artes Cênicas) – Escola de Teatro, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/8941>. Acesso em: 17 mar. 2020.

GUIMARÃES, H. T. et al. As atividades circenses nas aulas de educação física escolar e a criança com múltiplas deficiências. **Conexões**, [s.l.], v. 17, p. 1-13. 2019. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conexoes/article/view/8655860>. Acesso em: 17 mar. 2020.

KELLIHER, F.; HINZ, T.. Developing community circus in Aotearoa New Zealand: evaluation techniques and conclusions. In: KEKALAINEN, K. (Ed.). **Studying Social Circus - Openings and Perspectives**. Tampere: University of Tampere 2014. p. 27-37. Disponível em: https://icasc.ca/wp-content/uploads/2016/06/Studying_Social_Circus.pdf. Acesso em: 06 agost. 2020.

LANTZ, E. Les personnes handicapées ont-elles droit au loisir? L'exemple du cirque contemporain français. **Loisir et Societe**, [s. l.], v. 40, n. 2, p. 193-212, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/07053436.2017.1328786>. Acesso em: 14 jan. 2020.

LIDMAN, J.; KINNUNEN, R.. Wellbeing Effects from Social Circus. In: KEKALAINEN, K. (Ed.). **Studying Social Circus - Openings and Perspectives**. Tampere: University of Tampere 2014. 2014. p. 45-51. Disponível em: https://icasc.ca/wp-content/uploads/2016/06/Studying_Social_Circus.pdf. Acesso em: 06 agost. 2020.

LOISELLE, F.; ROCHETTE, A.; TÊTREAU, S.; LAFORTUNE, M.; BASTIEN, J. Social circus program (Cirque du Soleil) promoting social participation of young people living with physical disabilities in transition to adulthood: a qualitative pilot study. **Developmental Neurorehabilitation**, [s. l.], v. 22, n. 4, p. 250-259, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/17518423.2018.1474502>. Acesso em: 28 fev. 2019.

MCCAFFERY, N. Social circus and applied anthropology a synthesis waiting to happen. **Anthropology in Action**, [s. l.], v. 21, n. 1, p. 30-35, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/10801080.2014.944444>. Acesso em: 16 jan. 2020.

MENDES, K. D. S.; SILVEIRA, R. C. de C. P.; GALVÃO, C. M. Revisão integrativa: método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem. **Texto & Contexto - Enfermagem**, [s. l.], v. 17, n. 4, p. 758-764, 2008. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072008000400018. Acesso em: 20 nov. 2016.

MURCHLAND, S.; PARKYN, H. Promoting participation in schoolwork: Assistive technology

use by children with physical disabilities. **Assistive Technology**, [s. l.], v. 23, n. 2, p. 93-105, 2011. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/10400435.2011.567369> . Acesso em: 03 fev. 2014.

PARMA, M.; LOPES, D. C. **Construção de malabares passo a passo**. Várzea Paulista: Fontoura. 20016.

PRESUMIDO BRACCIALLI, L. M.; REGANHAN, W. G.; MANZINI, E. J. Lazer, escola e ocupação do tempo livre: análise de relatos de alunos com paralisia cerebral. **Arquivos Brasileiros de Paralisia Cerebral**, [s. l.], v. 2, n. 4, p. 26-35, 2005.

ROGERS, W.; JOHNSON, N. Strategies to Include Students with Severe/Multiple Disabilities within the General Education Classroom. **Physical Disabilities: Education and Related Services**, [s. l.], v. 37, n. 2, p. 1-12, 2018. Disponível em: <https://files.eric.ed.gov/fulltext/EJ1202982.pdf> . Acesso em: 06 jan. 2019.

SAKZEWSKI, L.; ZIVIANI, J.; ABBOTT, D. F.; MACDONELL, R. A.; JACKSON, G. D.; BOYD, R. N. Participation outcomes in a randomized trial of 2 models of upper-limb rehabilitation for children with congenital hemiplegia. **Archives of Physical Medicine and Rehabilitation**, [s. l.], v. 92, n. 4, p. 531-539, 2011. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1016/j.apmr.2010.11.022>. Acesso em: 07 jan. 2020.

SAKZEWSKI, L.; ZIVIANI, J.; BOYD, R. N. Best responders after intensive upper-limb training for children with unilateral cerebral palsy. **Archives of Physical Medicine and Rehabilitation**, [s. l.], v. 92, n. 4, p. 578-584, 2011. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1016/j.apmr.2010.12.003>. Acesso em: 06. 08. 2020.

SILVA, E. (2011). O novo está em outro lugar. In: **Palco giratório: rede SESC de difusão e intercâmbio das Artes Cênicas**. Rio de Janeiro, pp. 12-21, 2011

SOUZA, M. T. de; SILVA, M. D. da; CARVALHO, R. de. Revisão integrativa: o que é e como fazer. **Einstein**, [s. l.], v. 8, n. 1, p. 102-106, 2010. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-45082010000100102&nrm=iso&tlng=pt#:~:text=A%20revis%C3%A3o%20integrativa%20determina%20o,prestados%20ao%20paciente\(1\).](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-45082010000100102&nrm=iso&tlng=pt#:~:text=A%20revis%C3%A3o%20integrativa%20determina%20o,prestados%20ao%20paciente(1).) . Acesso em: 06 nov. 2018.

SPIEGEL, J. B.; BREILH, M. C.; CAMPAÑA, A.; MARCUSE, J.; YASSI, A. Social circus and health equity: Exploring the national social circus program in Ecuador. **Arts and Health**, [s. l.], v. 7, n. 1, p. 65-74, 2015. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/17533015.2014.932292> . Acesso em: 19 dez. 2019.

TAYLOR, R.; TAYLOR, C. Circus 'C': An Innovative Approach to Leisure for People with Disabilities. **Annals of Leisure Research**, [s. l.], v. 7, n. 2, p. 127-142, 2004. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/11745398.2004.10600946> . Acesso em: 19 dez. 2019.

WEBSTER, Jim; MCCAFFERY, Nick. Studying the effects of social circus projects amongst adults with learning disabilities in northern Ireland. In: KEKALAINEN, K. (Ed.). **Studying Social Circus - Openings and Perspectives**. Tampere: University of Tampere 2014. p. 38-44. Disponível em: https://icasc.ca/wp-content/uploads/2016/06/Studying_Social_Circus.pdf . Acesso em: 06 agost. 2020.

WILLIS, C. E. REID, S.; ELLIOTT, C.; NYQUIST, A.; JAHNSEN, R.; ROSENBERG, M.; GIRDLER, S. 'It's important that we learn too': Empowering parents to facilitate participation in physical activity for children and youth with disabilities. **Scandinavian Journal of Occupational Therapy**, [s. l.], v. 26, n. 2, p. 135-148, 2019. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/28927322/> . Acesso em: 02 jun. 2020.

YANG, H. W.; OSTROSKY, M. M.; MEADAN-KAPLANSKY, H. Parental perceptions of participation in physical activities for preschoolers with disabilities. **Early Child Development and Care**, [s. l.], v. 190, n. 5, p. 655-669, 2020. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/03004430.2018.1485673?journalCode=gecd20>. Acesso em: 02 jun. 2020.

ⁱ Doutorando em Educação Física pela Faculdade de Educação Física / FEF – UNICAMP. Contato: seilaoque@gmail.com

ⁱⁱ Livre-docente em Reabilitação Física da Faculdade de Filosofia e Ciências / FFC – UNESP. Contato: ligia.braccialli@unesp.br